Bruna Lombardi - Microcosmo

Adelaide pega o baralho vamos fazer um jogo hoje eu vou ficar em casa lá fora nada de novo Senta perto da janela como o mundo anda depressa Vamos, eu dou as cartas e você começa. Que grito é esse lá fora? A rua tremendo de medo Um tiro, um morto na rua... Já fez canastra, tão cedo? mas tem curinga, tá suja (mas se suja é a própria vida). Com que direito alguém força e controla, e manda, e rege, e mata, e marca, deixa ferida Do rei eu não preciso nem sei qual carta me serve (nem sei de outra vida) só intuo outra forma mais pura. Que o mundo está doente, está com febre. Pronto. Pequei o morto (e o da rua?) o mundo tem tantas calçadas tem até congestionamento. Ih, Adelaide este morto não tá bom, só tem cartas erradas E o valete não me veio e eu tinha esperado tanto e eu choro, Adelaide, e o sangue cobre as ruas da cidade do mundo vermelho de espanto.

E o valete não me veio Cobre esta paisagem com as cores da delicadeza cobre a morte, a dor, a miséria, a violência. Tinge. Adelaide, o ás é mesa? Eu compro. Quem compra tem (sociedade de consumo) graças à propaganda e à Santa Comunicação o povo anda em rebanho (e presta tanta atenção) que se afoga na mesma onda (onda de transmissão) se mata com a mesma arma e obedece sem reação E eu vou fazer esta trinca, que assim faço mais pontos Se eu desse o 7 você bem que ficava contente Mas que máquina, que matemática, que temática é essa, o que foi que fizeram com a gente? Porque será que aquele homem quis matar o presidente (que presidente?) Presidente de quê? se neste país somos todos adultos. Foi isso que fizeram com a gente Adelaide, somos todos adultos... Bateu, mas logo agora que eu comprei toda essa mesa... Acende a luz. Fecha a cortina que esse cinza me dá tristeza e que tá tão frio aqui. Vamos contar os pontos Acabou. Adelaide. Perdi.

Bruna Lombardi, Poesia Reunida